

**O TEMPO E EU:
AUTOBIOGRAFIA E FICÇÃO DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO**

Regina Lúcia de Medeiros¹ (UFRN)
Derivaldo dos Santos (UFRN)

RESUMO: Em *O tempo e eu: confidências e proposições*, obra de natureza autobiográfica publicada pela primeira vez em 1967, Luís da Câmara Cascudo consignou reflexões e apontamentos sobre sua vida, seus interesses, suas predileções, simpatias e amizades. A partir da leitura desses registros, somos informados de que o contato íntimo do escritor com o universo ficcional principiou desde cedo, quando ainda vivia sua meninice isolada e doente, sem amigos e sem direito a brincadeiras. Nas páginas desse livro, encontramos ainda a mescla de registros de leituras com anotações de caderno de viagens, reminiscências de casos e comentários acerca de acontecimentos históricos, ilustrando bem o estilo híbrido da escrita do célebre pesquisador norte-rio-grandense. Primeira e mais citada de suas obras autobiográficas, *O tempo e eu* apresenta uma estrutura organizada e hierarquizada, composta de quatro partes. Suas páginas nos fornecem elementos históricos e memorialistas: dados autobiográficos do escritor, informações sobre a sua relação com os homens e as coisas da sua cidade natal. De fato, o entrelaçamento entre autobiografia e memorialismo caracteriza o conjunto dos textos que integram o livro. Contudo, ponderamos que uma leitura orientada tão somente para a busca dessas informações biográficas, sem o propósito de problematizá-las, acaba por se mostrar superficial e ignora a importância desse volume para a compreensão do pensamento cascudiano. Dessa maneira, optamos por levantar questionamentos que condizem com o interesse deste simpósio e atentam para a riqueza da narrativa cascudiana. Propomos uma leitura que considere os imbricamentos existentes entre autobiografia e memorialismo, autobiografia e ficção. Para tanto, tomamos como pressupostos teóricos os escritos de Alberti (1991), Miranda (1992), Barthes (2005), Lejeune (2008). A presente comunicação reúne os primeiros resultados da nossa pesquisa de doutoramento, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Palavras-chave: Autobiografia. Luís da Câmara Cascudo. Ficção. Memorialismo.

O tempo e eu: confidências e proposições, obra de natureza autobiográfica publicada pela primeira vez em 1967, possui como característica marcante a mescla de registros de leituras com anotações de caderno de viagens, reminiscências de casos e

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil.

comentários acerca de acontecimentos históricos – hibridismo característico do estilo de Luís da Câmara Cascudo. Primeira, e mais frequentemente citada, das obras autobiográficas do escritor norte-rio-grandense, o livro possui estrutura mais organizada e hierarquizada do que os demais², sendo composto por quatro partes: “No rasto das velhas imagens”, narrativas breves sobre seu nascimento e crescimento, dispostas em ordem cronológica, lembrando os personagens e os cenários da convivência familiar e amiga; “A lição do cotidiano”, reflexões sobre o aprendizado oriundo da experiência, que se aproximam, em sua maioria, do ensinamento fabular pelo fato de narrarem acontecimentos que culminam na formulação de uma lição ou de um preceito moral; “Compensações e mistérios”, discussões, que retomam o caráter fabular dos textos anteriores, sobre as escolhas feitas ao longo da vida, entre os apelos opostos da “vocação” e da “remuneração”, e algumas narrativas acerca de casos e de histórias ouvidas sobre experiências sobrenaturais; “Aula de bichos”, comentários, também de natureza fabular, tecidos a partir da observação do comportamento animal, ocupados, porém, como acontece nas fábulas, em construir um conhecimento sobre a espécie humana.

Lendo a bibliografia crítica de Luís da Câmara Cascudo, percebemos que *O tempo e eu* sobressai como um dos seus livros mais constantemente citados, o que sugere o amplo conhecimento dessa obra pelos estudiosos. No entanto, verificamos que a maioria dessas referências reitera sempre os mesmos elementos: dados biográficos do escritor ou informações sobre a sua relação com os homens e as coisas da sua cidade natal, fornecidos por ele mesmo nas primeiras páginas do livro. De fato, o entrelaçamento da autobiografia e do memorialismo caracteriza o conjunto dos textos que integram *O tempo e eu*.

Com linhas autobiográficas largamente traçadas, *O tempo e eu* reúne textos que assumem o caráter confidencial e propositivo anunciado em seu subtítulo. Em alguns deles, essa dupla natureza encontra-se em perfeita harmonia, como acontece no primeiro texto da segunda parte, intitulado “Uma teoria de imagem mental”. Nele, Cascudo tece, num tom ensaístico, reflexões consequentes sobre a herança cultural no

² Referimo-nos a *Na ronda do tempo* (CASCUDO, 2010a), *Ontem: maginações e notas e um professor de província* (CASCUDO, 2010b), e *Pequeno manual do doente aprendiz* (CASCUDO, 2010c).

desenvolvimento do ser humano. O capítulo inicia-se com versos do poema “Caos”, de Olavo Bilac, nos quais o sujeito lírico diz sentir e ouvir as “vivas almas sepultadas”. Partindo dessa imagem, Cascudo desenvolve uma argumentação sobre a recepção e a permanência, à revelia do sujeito, de sensações anteriores, para afirmar seu interesse pelo passado, não somente o passado visto e vivido por ele, mas igualmente aquele que não foi, para ele, objeto de experiências diretas. Dessa maneira, podemos perceber que Cascudo, diante do problema da inelutável finitude humana, ressalta a continuidade das ações e das descobertas realizadas pelos representantes da espécie: “nada, porém, morrerá em nós” (CASCUDO, 2008, p. 159).

Fazendo nova referência a um soneto do “príncipe dos poetas brasileiros”, Cascudo transcreve o verso “vida de vidas múltiplas herdeiras”, do poema “A um triste”, e o associa à imagem do celacanto³, peixe que em sua obra como metáfora do ser humano, destinada a amparar sua tese relativa à herança cultural:

Podemos dizer ‘pensamentos idos e vividos’ porque não sabemos calcular a duração do percurso na extensão da elipse. Certo é que voltarão, para nós ou para outros. Persistem, indefinidamente, sem que envelheçam. Nunca deparei um pensamento velho. Já usado, sim, mas a reaplicação proclama a legitimidade da existência, atual, indispensável. Assim, pensamentos súbitos talvez conservem substâncias milenares e nunca fixarei como surgiram em mim, distantes da lógica mecânica pessoal. Esse fenômeno da abstração, com dimensões infinitas, ninguém elucidará seu nascimento e ação. Desde quando foi permitida a viagem mental? Creio que todo pensamento é inseparável de uma longa cadeia temática. Antes e depois dele o colar continua, interminável (CASCUDO, 2008, p. 160).

Longe de serem inúteis, como afirma modestamente Cascudo, no final do texto, a partir de uma citação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, os comentários tecidos nesse ensaio condensam o pensamento que podemos rastrear desde seus primeiros livros publicados. De forma explícita, o ensaio configura-se como um esclarecimento, dirigido ao leitor, sobre o ponto de vista do pesquisador e, antes disso, configura uma ação de autoexegese, pois, não podemos esquecer, o ensaio compõe um livro de natureza autobiográfica. Para Cascudo, uma ideia, um pensamento, não morre, mas, lembrando a célebre Lei de Antoine Lavoisier sobre a energia⁴, conserva-se e se transforma. Nessa perspectiva, todo pensamento é um elo que contribui para formar uma cadeia

³ “E quem poderia prever, contemporâneo e vivo, o celacanto, peixe do devoniano, resistindo três milhões de séculos transformadores? E por que aqueles monstros de lentas toneladas possantes, morreram, e o celacanto, aparentemente inferior e subalterno, veio aos nossos dias?”(CASCUDO, 2008, p. 160).

⁴ Tal como ficou conhecida popularmente: “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

interminável, remetendo a pensamentos anteriores e possibilitando atualizações futuras. Em semelhante sistema, a originalidade, continua Cascudo, consiste no arranjo atual de ideias já nascidas, e os pensamentos originais são mosaicos, frutos da combinação “harmônica de idéias agenciadas pela reminiscência”.

O trecho diz respeito, majoritariamente, ao modo como Cascudo leu e compreendeu a experiência dos antigos (o passado remoto, não vivido) e a sua própria vida (o passado próximo que, um dia, esteve ao alcance dos seus sentidos); permite-nos igualmente pensar o diálogo existente entre sua obra e o modelo de uma “cadeia temática” apresentado, sendo, portanto, fundamental para a compreensão do modo como se constitui uma “obra”, isto é, o conjunto sistemático dos livros de um mesmo autor. Nesta leitura, percebemos que essa firmeza de posicionamento dá continuidade ao trabalho iniciado pelo jovem Cascudo na década de 20 do século passado. Ao longo dos anos, as afirmações iniciais – ora tímidas, ora eufóricas – que pontuavam aqueles escritos confirmam-se e se expandem nos livros autobiográficos da maturidade. A busca do dado histórico⁵, a referência frequente às obras clássicas, o elogio de figuras do passado, o respeito intransigente e amoroso pela cultura popular, a preferência pelo antigo em detrimento do moderno⁶, em afirmações veementes como “O passado vive em mim!” (CASCUDO, 2008, p. 159), tudo corrobora o interesse de Cascudo pela vida pretérita, confirmando seu já conhecido posicionamento tradicionalista. No entanto, *O tempo e eu*, ensaio tachado de “inútil” por seu autor, explicita uma percepção dialógica das produções do espírito humano.

Para além desse tema, *O tempo e eu* oferece outros frutos das sementes plantadas em *Alma Patrícia* (CASCUDO, 1921) e *Joio* (CASCUDO, 1924), primeiras obras cascudianas. Recorrendo a narrativas situadas no campo da autobiografia, Cascudo

⁵ Lembremos que, para Luís da Câmara Cascudo, a noção de história não se restringe à consideração exclusiva ou prioritária da história oficial. Nos seus escritos, notamos a valorização da história do cotidiano, do elemento percebido em função dos temas escolhidos (muitos dos quais localistas, como a rede, a cachaça, os gestos) e comprometido com o modo como o pesquisador produziu seus registros históricos: consignando diariamente anedotas populares e comentários acerca dos conhecimentos adquiridos através de casos e experiências cotidianas, assim como praticando o gênero ensaio e realizando pesquisas de natureza etnográfica. Sobre o assunto, Araújo (1998, p. 69) reconhece afinidades entre o método de escrita/pesquisa cascudiano e a concepção dos pioneiros da História Nova, que ampliaram a noção de documento.

⁶ Alguns exemplos dessa preferência são bastante curiosos, como o capítulo XXIX da segunda parte de *O tempo e eu*, intitulado “As velhas mobílias”, no qual Cascudo lamenta a renovação mobiliária e a fabricação em série dos móveis, opondo os móveis antigos (associados ao passado e ricos em valor afetivo e familiar) aos móveis novos (vinculados ao presente e caracterizados exclusivamente em função de seu valor de troca) (CASCUDO, 2008, p. 186).

sente-se à vontade para cultivar suas simpatias, que agora perfazem um novo conjunto, muito mais amplo, ao se voltarem, ao mesmo tempo, para as experiências localistas, frequentes no primeiro livro, e para as cosmopolitas, iniciadas no segundo, confirmando o que ele declarou em entrevista datada de 1982: “fui, como serei até fechar os olhos, o grande trabalhador nos terrenos da minha simpatia” (CASCUDO, 1999, p. 77). Nos escritos da maturidade, o interesse heterogêneo pela cultura e pelos acontecimentos locais, demonstrado desde suas primeiras crônicas publicadas na seção *Bric-à-brac* do jornal *A Imprensa*, ganha matizes saudosistas ao servir de ambientação para a narração da sua própria vida. Confundindo-se com a paisagem, Luís da Câmara Cascudo inicia sua autobiografia com uma escrita em espiral que, sem perder o fio narrativo originário, traz para o centro do relato informações sobre a cidade, pondo numa relação de interdependência a sua vida e a vida da sua cidade Natal:

Nasci numa sexta-feira, dia de São Sabino, 30 de dezembro de 1898, às 5h30 da tarde. A Fábrica de Tecidos, de seu Juvino Barreto, apitava às cinco horas “para soltar os operários”. Havia uma alta, possante e decorativa chaminé, chamada pelo Povo o “boeiro do tecido”, construída em 1888 e derrubada em 1958. Correspondia ao local ocupado pelos armazéns da firma Nóbrega & Dantas, na avenida Junqueira Aires, já com essa denominação. Nasci meia hora depois do apito da fábrica, pregão sonoro da tarde natalense. Minha mãe fizera promessa para dar-me o nome Luís da França, mas meu pai vetou o “da França”, por causa de um soldado desse nome, muito cachaceiro e rixento no quartel, então na Silva Jardim, esquina da Frei Miguelinho, diante de três imensas árvores de sombra.

Meu padrinho sabia latim e respondeu às perguntas do sacerdote: *–Quid petis ad Ecclesiam Dei? Fidem!* E a Igreja concedeu-me a súplica. O padre João Maria disse meu nome certo em latim: *– Ludovicus* (CASCUDO, 2008, p. 40).

Atentemos para o modo pelo qual Cascudo narra sua vinda ao mundo e seu batismo. Dados relativos às circunstâncias do seu nascimento misturam-se a informações sobre o cotidiano da cidade, o traçado das ruas e a missa, culto dos católicos, naquele tempo rezada em latim. Entra em cena, portanto, junto com a pessoa do autobiógrafo-memorialista, a pequena Natal de fins do século XIX, cujos moradores se conheciam à sombra de árvores imensas e frondosas. Nesse cenário, a chaminé da fábrica sacudia a tarde com seu apito, anunciando, de certa forma, a chegada vagarosa da modernidade. A cena do batismo, por sua vez, nos revela a influência europeia que dominava a província, na qual os filhos da jovem República recebiam nomes de reis franceses. Por outro lado, a credence popular, expressa na voz autorizada do Coronel

Cascudo, não permitiu que seu filho recebesse o nome escolhido inadvertidamente pela mãe.

O leitor é, pois, chamado pela narrativa de *O tempo e eu* a participar, precisamente como testemunha ocular, de um passe de reencantamento: nomes de praças e de ruas voltam a ser indivíduos de carne e osso, industriais ou sacerdotes; o apito de uma fábrica de tecidos, hoje extinta, ressoa novamente no ar da tarde antiga, agora presentificada na experiência da leitura-evocação. Até mesmo um soldado anônimo, “cachaceiro e rixento”, retorna com seu passo trôpego e cai de bêbado na sombra de três árvores frondosas que algum administrador municipal se encarregou de mandar cortar.

Essas informações, que podem parecer desinteressantes ou pouco significativas ao leitor desatento, materializam, na verdade, o famoso “pacto autobiográfico” firmado entre o autor e seu leitor. Segundo Lejeune (2008, p. 26), esse pacto é a afirmação, no texto, do *nome* próprio que garante a identificação do autor-narrador-personagem. De acordo com o teórico francês da autobiografia, a relação de identidade de *nome* entre essas três instâncias pode ser estabelecida *implicitamente*, a partir do título do livro ou de uma seção inicial na qual o narrador assume compromissos junto ao leitor, ou *de modo patente*, mediante a coincidência entre o nome do narrador-personagem e o nome do autor, impresso na capa do livro. No caso de *O tempo e eu*, primeira autobiografia de Cascudo, a relação de identidade entre essas figuras diegéticas ocorre de modo explícito, pois a narrativa, escrita na primeira pessoa, confirma, logo no início, que o “eu” presente no título do livro é o autor cujo nome aparece na capa.

No trecho em que Luís da Câmara Cascudo relata seu nascimento, o narrador se enuncia como “eu”. Contudo, o mais interessante a ser considerado é a ênfase, própria da narrativa memorialística, dada aos elementos contextuais. Não podendo fixar suas lembranças, uma vez que não nos lembramos do nosso nascimento, Cascudo optou pelo registro de informações, coletadas certamente em conversas com familiares e amigos mais velhos, sobre a cidade e sobre a origem do seu nome, ressaltando, na narrativa dos primeiros tempos da sua vida, os elementos da vida exterior que são recorrentes na sua obra. Condizente com a apresentação⁷ do livro, a narrativa sugere um deslocamento

⁷ Na apresentação do livro, Cascudo, caracterizando, sem dúvida, o seu próprio procedimento, toma como exemplo o que “Axel Munthe escrevia: ‘O método mais prático para escrever uma obra sobre si próprio, consiste em pensar nos outros’. É o que fiz. Reminiscências dos outros. Proposições minhas. Sem a política inflacionária da inveja ou do louvor” (CASCUDO, 2008, p. 32).

dialógico, em meio a uma narrativa de “si”, do “eu” para o “outro”. Esse deslocamento intensifica-se ao longo do livro, a ponto de a narrativa propriamente autobiográfica dar lugar, principalmente nas duas outras partes do volume, a registros relativos à história da cidade, a suas personagens, a seus costumes e aos ditos populares correntes no final do século XIX.

O modo de narrar cascudiano revela, pois, a interpenetração das esferas da autobiografia e do memorialismo, que descentraliza o objeto da reflexão – a história de uma vida individual – para se envolver com a narrativa dos acontecimentos sociais. Miranda (1992, p. 36) mostrou que memorialismo e autobiografia costumam andar lado a lado e, por vezes, se entrelaçar de modo inextricável. De fato, encontramos em *O tempo e eu*, obra apresentada por seu autor como autobiografia, trechos nos quais parece prevalecer o memorialismo. Nesses momentos da narrativa, o sujeito da escrita dá lugar à rememoração de sua experiência localista (perceptível na evocação das feiras e das festas, no uso dos ditos populares e na referência às ruas da pequena capital provinciana), assim como da sua experiência cosmopolita (a presença, no texto, dos grandes hotéis nacionais da época, como o Hotel Avenida, no Rio de Janeiro, e das viagens internacionais). Esses apontamentos dão a conhecer a imagem que o sujeito da escrita elabora de si mesmo e o modo como se interpenetram intensamente, em seu texto, as memórias das leituras efetuadas e as memórias da vida “vívida”.

Acerca das relações existentes entre as esferas da autobiografia e da ficção, Alberti (1991) nos lembra que a própria ideia do espaço “literário” dialoga com a compreensão do sujeito moderno, uma vez que o escritor move-se identitariamente no processo de criação da narrativa, provocando deslizamentos entre a identidade do autor e a sua criação. A pesquisadora, que parte de leituras benjaminianas, resgata a imagem do escritor em sua ligação com a emergência do indivíduo solitário em seu ato criativo. Desse modo, a ficção moderna está intrinsecamente relacionada com o sujeito criador.

Por outro lado, a autobiografia, ao centrar-se no sujeito, tomando-o como ponto de partida e o próprio objeto textual, atualiza o “sujeito moderno” nesse espaço literário (ALBERTI, 1991, p.73). A partir da ficção, o sujeito solitário inventa possibilidades e constrói novas propostas de sentido, buscando uma “dissipação” do “eu”. A narrativa autobiográfica, por sua vez, procura uma “fixação” do “eu”, possibilitando uma construção de imagens de si e registrando movências circunscritas no espaço da

semelhança. Nesse processo, vale ressaltar, o sujeito autobiográfico seleciona temas e constrói narrativas a fim de criar imagens favoráveis de si.

A relação dialética da vida com a obra foi pensada por Barthes (2005) a partir da “volta do autor” ao cenário da história literária. Segundo o crítico, a volta à biografia surge como um “desrecalque” do autor após um grande movimento pelo seu apagamento em proveito do *Texto* (p.167). Surgem, então, escritas de vida que tendem à divisão, à fragmentação do sujeito. Nesse princípio novo, os *eus* que escrevem esboçam diferentes papéis na escrita da vida: *Persona*, a pessoa cotidiana que vive independentemente da escrita; *Scriptor*, o escritor tal como a sociedade o compreende, classificado em uma escola; *Auctor*, o “eu” que se coloca como criador da obra; *Scribens*, o “eu” que escreve, que vive sua escrita. Essas *cintilações* do sujeito, considera o pensador francês, são *eus* tecidos na escrita que podem se unir, em ocasiões específicas, de forma a causar efeitos distintos.

Na escrita autobiográfica de Luís da Câmara Cascudo, essas cintilações do sujeito entrecruzam-se, provocando uma escrita híbrida e fragmentária. Desse modo, percebemos a necessidade de uma leitura atenta das narrativas autobiográficas, memorialistas e fabulares de *O tempo e eu*, assim como da relação dialógica que essas narrativas estabelecem com sua *nebulosa biográfica* (BARTHES, 2005, p.168). É com esse roteiro de leitura que seguimos na análise das “confidências e proposições” cascudianas – do qual ventilamos um breve anúncio nesta comunicação.

Referências

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313/1452>. Acesso: 10 jun 2016.

ARAÚJO, H. H. *Asas de Sófia*: ensaios cascudianos. Natal: FIERN; SESI, 1998.

BARTHES, R. *A preparação do romance II*: a obra como vontade: notas de curso no College de France 1979-1980. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASCUDO, L. da C. *Alma patrícia*: crítica literária. Natal: Typ. M. Victorino, 1921.

CASCUDO, L. da C. *Joio*: páginas de literatura e crítica. Natal: Off. Graph. d'A Imprensa, 1924.

_____. *Depoimentos*. Natal: EDUFRN, 1999.

_____. *O tempo e eu*: confidências e proposições. Natal: EDUFRN, 2008. (Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias)

_____. *Na ronda do tempo*. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010a. (Coleção Câmara Cascudo: memória)

_____. *Ontem*: maginações e notas e um professor de província. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010b. (Coleção Câmara Cascudo: memória)

_____. *Pequeno manual do doente aprendiz*. 3 ed. Natal: EDUFRN, 2010c. (Coleção Câmara Cascudo: memória)

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (Coleção Humanitas)

MIRANDA, W. M. A ilusão autobiográfica. In: MIRANDA, W. M. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo/Belo Horizonte: Ed. da Universidade Federal de Minas Gerais, 1992. p. 25-41.